

MEDIAÇÃO CULTURAL ENTRE ESCOLAS E MUSEUS
Ana Paula Proença-Doutoranda em Estudos Artísticos
Lucília Valente- Professora Auxiliar
NECCA do Centro de Investigação Paulo Freire
Universidade de Évora

RESUMO

No quadro da investigação-acção conduzida pelo projecto Museu-Escola – Comunidade (MEC) do Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho sobre a relação escola –museu,que se iniciou em Abril de 1997 com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, foi atribuído à primeira autora, o papel de dinamizar dois sub-projectos, como mediadora cultural, representante da equipa MEC-Universidade do Minho.

A emergência do desenho deste artigo reside no facto de se possuir a experiência do que aqui se conta, a apreensão dos contextos em interacção entre dois dos museus participantes e as suas escolas associadas e a reflexão à posteriori no decorrer da qual se vão revelando os contornos e encontrando as categorias, usando a análise das notas de campo, memórias e testemunhos dos profissionais envolvidos.

Este trabalho insere-se no plano de estudo de um projecto de doutoramento sobre:

Parcerias de coeducação cultural: a relação escola museu e comunidade, do Núcleo de Estudos em Cultura e Artes Aplicadas (NECAA) do Centro de Investigação Paulo Freire,da Universidade de Évora.

ABSTRACT

Esta inter- relação entre a investigadora e o contexto enquadrada pela metodologia de investigação-acção serve-se da participação do investigador no meio para melhor o interpretar. À investigadora- mediadora cabe também o papel de transformação do meio em estudo para além da tentativa de conjugar os diferentes processos de acção dos actores, desafiados a colaborar e a interagirem.Vão sendo criadas acções e produções com técnicas que dão espaço a outras formas de abordar a realidade. A investigadora é ao mesmo tempo alguém que se envolve ao longo do tempo, numa aproximação à cultura dos dois campos profissionais e à estrutura social estabelecida.Segundo Esteves(1986), poderá também mais tarde, avaliar se com a sua saída, se quebraram as dinâmicas sociais desenvolvidas ou se houve continuidade ou suspensão dessas dinâmicas.

Assim,este texto foi delineado tendo como tema as formas de mediação cultural acontecidas ao longo de um ano lectivo entre escolas e museus apresentando algumas características que possam permitir uma visão narrativa dos lugares de comunicação e uma reflexão teórico-prática sobre o conceito de mediação cultural. Nela sobressaem as temáticas tratadas em dois dos sete

museus participantes e a criação dos sub-projectos enquadrados nas colaborações e parcerias desenvolvidas entre escola e museu.

Estas parcerias, chamadas parcerias culturais de educação, Buffet (1999) são consideradas como um sistema complexo onde as formas de partilha de valores levam à cooperação entre profissionais da cultura e da educação reconhecendo comunalidades e diferenças de perspectiva; englobam ainda as interações e os processos que permitem uma transição cultural entre os sujeitos, pelo esboço de esquemas intelectuais comuns indispensáveis à compreensão entre as pessoas.

SOBRE MEDIAÇÃO

“o ser humano é capaz, e isto faz parte da sua própria definição, de introduzir, face a uma cultura estrangeira, representações mediadoras, acessíveis a um outro campo”

T, Todorov (cf. livro “ La vie commune”, Paris, Le Seil, 1995)

Para Cardinet (1993) o mediador é um a terceira pessoa que permite colocar questões., pôr problemas, num clima de respeito a certas regras de comunicação, e que pela sua capacidade de ouvir, pelas questões que coloca, vai permitir que aconteça uma resposta satisfatória para todos. Esta autora, coloca assim o mediador como alguém que vai permitir o progresso da negociação no que diz respeito à expressão das vontades e á troca entre os actores no terreno, permitindo a emergência de tomadas de decisão. Uma das características do acto de mediação em si, é que deve ter propriedades de catalizador, isto é, uma reacção provocada pela situação de mediação, mas da qual sai transformado o que foi posto em conjunto, em presença do catalizador. Outra das características é a de que a mediação não pode acontecer sem que se tenha estabelecido uma comunicação: emissão e recepção de mensagens reveladoras do sentido dado à situação que se vive: expectativas,, procura de soluções, sentimentos, conduzidos por um objectivo comum.

A mediação, trata assim, da descoberta dos lugares possíveis onde se pode agir como mediador, não se coloca por isso ao mesmo nível da negociação. Ainda segundo Cardinet, enquanto a negociação procura a solução de um problema, em que cada um se dispõe a perder um pouco do seu território, o papel do mediador é esperado como alguém que faça propostas que permitirão avançar mais no estabelecimento de consenso; é como se fosse uma abertura, um caminho, graças ao qual, uma relação tal como os parceiros a desejam, se estabelece.

Na análise aqui feita sobre as formas que a mediação pode tomar, a autora considera que o conceito de mediação criadora pode aproximar-se mais da experiência pela qual passou na figura de investigadora-mediadora na medida em que, a mediação criadora se baseia na procura de um estabelecimento de ligações que não existiam antes entre as pessoas, e que talvez não existissem, sem ela.

Essa mediação será o” lugar inventivo” da relação social, ponto base de encontro onde poderão nascer novas relações, a partir da tomada de consciência da existência do outro, do seu ponto de vista, e que poderá

levar, num sentido mais alargado, à criação de projectos conjuntos, ligações em rede, etc.

Como lugar de invenção, as formas de mediação, não existem à partida, têm que ser criadas em função das características pessoais dos profissionais, dos objectivos, e dos recursos disponíveis. O exemplo da relação escola-museu, ilustra a ambiguidade das relações da escola, e dos professores, com a cultura. Permite ainda compreender a mudança da natureza dos encontros entre os parceiros destas duas instituições e as alterações que podem provocar no sistema de ensino e na evolução das profissões. Relacionando este campo com os resultados das interacções havidas através dos processos de mediação, aproximamo-nos na prática do conceito de Françoise Buffet (2001) de uma *cultura possível*, a qual radica na existência de um conjunto de recursos potenciais das organizações das pessoas que participam, incluindo também o conjunto de comportamentos que testemunham a pertença dos professores e dos alunos a conjuntos culturais diferentes dos da cultura escolar

AS ORIGENS DE DOIS SUB-PROJECTOS: (A) CERCA DE TIBÃES E AMAR A NATUREZA

Os sub-projectos nasceram da candidatura por parte dos serviços educativos de cada um dos museus envolvidos no projecto MEC e das escolas participantes. Debruçemo-nos sobre o do Mosteiro de S. Martinho de Tibães e sobre o do Museu dos Biscainhos.

O museu do mosteiro de S. Martinho de Tibães, em Braga, instalado num Mosteiro do sec. XVII-XVIII, foi criado em 1990 e compreende o antigo mosteiro e a Cerca, um espaço de importância fundamental para a compreensão do quotidiano monástico delineado à luz da estética barroca, tornando-se um espaço de compreensão da mata climática do carvalhal, autóctone nesta região do Minho. Desde essa altura que são delineadas e desenvolvidas actividades para o público escolar sendo apoiadas as propostas vindas das escolas

Por atravessar uma fase crítica de reabilitação e recuperação dos espaços no interior do mosteiro, o sub-projecto desenvolveu-se no exterior, na Cerca, ao longo do ano lectivo de 1997/98.

O museu recebia, à data, alunos estagiários do Curso de animação sócio-cultural da Escola D. Luís de Castro e que nesse ano participaram nas actividades planeadas, incluindo-se o seu orientador nas reuniões de planificação. As instituições escolares participantes na criação do sub-projecto (a) Cerca de Tibães foram o Jardim de Infância de Mire de Tibães com sessenta alunos e duas educadoras e a escola do 1º CEB do Carrascal com cento e trinta alunos e cinco professoras.

O MUSEU DOS BISCAINHOS

O Museu ocupa o palácio dos Biscainhos, antiga habitação de uma família nobre do sec. XVII e constitui-se como modelo de uma casa nobre da época barroca e como exemplo da vida senhorial. A casa é complementada por jardins que se desdobram em zona de pomar e horta. O serviço educativo do museu funcionava, à data, com a directora do museu como responsável, três monitores e um estagiário. Desde a década de oitenta que o museu recebe as visitas de escolas da região tendo por base a organização de visitas temáticas

e concepção de ateliês a partir das colecções do museu e das suas exposições temporárias. O sub-projecto Amar a Natureza (1997/98), teve como temática escolhida a preservação do património natural, proporcionando às crianças uma abordagem através dos sentidos, da temática ambiental, com base no jardim barroco. Por opção da sua directora foi feito o convite por carta a todas as escolas do 1º CEB do concelho de Braga. Responderam a este convite sob a forma de marcações, dez escolas com as quais o museu trabalhou ao longo do ano lectivo 1997/8.

Desenvolvimento do sub- projecto do museu dos Biscainhos-Amar a Natureza

De Outubro a Janeiro decorreram reuniões preparatórias da responsável da equipa da Universidade, neste caso a autora, com a directora do museu e com os técnicos do parque Nacional da Peneda –Gerês para definir formas possíveis de abordar o tema, identificando em conjunto a natureza da abordagem aos vários elementos presentes no jardim e de que forma poderia ser mais significativa e ter mais impacto junto das crianças. A mediação foi feita sobretudo entre os elementos das instituições museu, universidade e PNPG, não se incluindo professores nesta fase de delineação do projecto embora houvesse uma preocupação de identificação da temática ambiental com a ligação aos conteúdos curriculares do 1º CEB. As ideias foram-se desenhando de acordo com os objectivos definidos pela directora: sensibilizar as camadas docente e discente para as questões da Natureza.

De comum acordo foi contemplada e escolhida uma sala no interior do museu para a montagem de uma exposição temporária á qual foi chamada Sala de Aventuras, e o jardim do museu. O sub-projecto Amar a Natureza processar-se-ia em três fases: A natureza no museu, a natureza na escola e a família na natureza.

Sobre objectivos e metodologia da mediação

Sobre a metodologia de trabalho colaborativo que é a mediação e que se encontra a um tempo relacionada com a concepção desta linha de trabalho, seguimos neste ponto com base em alguns textos- apontamentos de notas de campo em que se explicita a importância atribuída às formas de conceber e caracterizar o tipo de visita e de actividades a desenvolver com os grupos de crianças, a importância do papel do monitor para o enquadramento das ligações de sucesso do museu com este público em particular, a base das condições de comunicação entre a colecção, obra ou património e quem as vê, descobre e passa a conhecer. Uma das técnicas usada pela autora para o encontro de dinâmicas de comunicação entre os participantes foi a técnica de *Brainstorming* Osborn(1954) - *Tempestade de Ideias(TI)* em grupo.

Em termos de motivação para o encontro de respostas a TI age a partir de um mesmo estímulo chegando a respostas únicas e originais o que gera normalmente satisfação no grupo. Todos se sentem membros iguais porque são aceites todas as ideias. Facilita a comunicação e a expressão das maneiras de pensar e sentir: o poder de decisão é entregue ao grupo, dá protagonismo, Diez (1996). Em termos do desenvolvimento da capacidade criativa a TI aumenta a fluência, a agilidade mental e a produtividade uma vez

que se produzem espontaneamente ideias inovadoras e por vezes insólitas e com humor, em grande quantidade pois o importante é o número de ideias. Quanto ao impulso de liberdade e autorealização a TI ajuda à tomada de consciência do que se sente e do que se pensa e desta forma permite a reflexão analítica e crítica.

Em termos de trabalho de grupo em comunidades, a TI favorece a integração de todas as ideias de todos os elementos do grupo, proporciona desinibição, alegria e liberdade de expressão, sem hierarquias:

- Estímulo à originalidade e à inovação.
- Aquisição de fluência de ideias e flexibilidade mental
- Obtenção de um maior número de ideias possível sobre um tema
- Liberdade de expressão

A partir da livre expressão do pensamento, todas as ideias são aceites, dizendo-as em voz alta ao mesmo tempo que alguém as regista. Depois avaliam-se as ideias em função do objectivo que foi proposto e escolhem-se os critérios.

Escolhem-se as melhores ideias e entra-se na fase de “re-elaborar” que consiste em escrever uma frase para cada ideia seleccionada, tentando responder às perguntas anteriormente formuladas. Seguidamente fazem-se esquemas que ordenem as ideias por ordem de importância. O tema usado para o activador criativo Tempestade de Ideias, foi:” Uma exposição com base numa pedagogia do despertar dos sentidos para um projecto sobre a Natureza, no Museu dos Biscainhos.”

Os resultados foram:

Sala de Aventuras

Visões da natureza-fotos e slides

Animais pequenos feitos em papel, sobretudo insectos

Audição de sons da natureza,(sons gravados, sons retirados de cd's, sons retirados da internet)

Cheiros e sabores da natureza(essências em frascos tapados, arbustos aromáticos, fruta da época)

Chão atapetado de folhas secas de modo a estranhar-se o piso e a provocar sons diferentes ao andar por cima.

Visões no interior que preparam uma atenção no exterior

Vento nas árvores (som gravado)

Gotas de chuva a cair (sons gravados)

Uma borboleta a voar (foto)

Uma aranha a fazer a teia (foto)

Uma formiga a transportar alimento(foto)

Visão de uma cobra a alimentar-se (vídeo)

Os percursos no Jardim

Jogos de escuta de sons

Jogos de observação focada

Jogos de corpo e relacionamento no espaço-canavial apertado- relvado muito espaçoso

Diálogo para aquisição de responsabilidades de cuidar da natureza

Diálogo-descoberta do que se pode fazer no espaço da escola ligado à protecção da natureza.

Depois da concepção da exposição passou-se à montagem da mesma, apoiada pelos técnicos do PNPJ e acompanhada pela directora do museu. Chagados à fase de conclusão, o problema maior de todos os levantados e resolvidos, era a iluminação dentro da sala.

Como iluminar certos recantos?

Como destacar certos objectos e imagens em termos de luz?

Como tratar da iluminação mínima necessária às plantas vivas que estavam na sala?

Como não correr risco de incêndio com os projectores camuflados no cenário?

Após a análise destas questões chegámos a uma situação de impasse que punha mesmo em risco a abertura ao público na data prevista.

Aí a medição funcionou, por forma a salientar as diferenças enriquecedoras. Por oposição à luz, optou-se pela escuridão, através do estímulo ao pensamento divergente, conseguiu-se chegar à solução de usar lanternas, durante as visitas. Ter-se-ia que conseguir o número de lanternas suficiente para serem usadas individualmente pelas crianças, o que permitiria a introdução de um elemento lúdico e com forte carga de descoberta, e isso era um objectivo, bem como a livre exploração dos elementos da sala de aventuras, ao ritmo de cada um. Esta foi a solução implantada, e com muito sucesso pois valorizou imenso a exposição, com enormes vantagens sobre qualquer outro tipo de iluminação.

O sub-projecto (A) Cerca de Tibães

A primeira visita da escola do Carrascal e do Jardim de Infância de Mire de Tibães foi feita no mesmo dia e acompanhada pelo responsável do serviço educativo do museu para se estabelecerem as bases de um projecto comum. Dos objectivos constavam a valorização do património natural da Cerca, a concepção e realização de produtos artísticos no âmbito das actividades que permitissem aprofundar os conhecimentos dos alunos, e a organização de uma exposição final que chamasse a comunidade ao museu e reforçasse o estabelecimento de ligações entre a escola, o museu e a comunidade. Depois de cada professor reunir com o seu grupo-turma combinou-se planejar semanalmente os conteúdos que iriam permitir a ligação entre os processos de aprendizagem com expressão a dois níveis: artísticos e restantes áreas curriculares: Assim as actividades despoletadoras aconteceram em primeiro lugar na Cerca e partiram de questões específicas:

As folhas que apanhámos no chão pertencem a que árvores?

O canto dos pássaros que ouvimos, qual será a sua espécie? de onde vem?

Vimos colmeias! Porque estão ali?

Qual é a história da coruja que visita a árvore do Passal?

Onde vai dar o caminho do Anjo?

Este tipo de percepção e exploração pedagógica da Cerca de Tibães foi a base para o trabalho de projecto que se foi construindo em reuniões semanais, feitas na escola, no Jardim de Infância e no Museu. A planificação era pensada e discutida conjuntamente com as professoras e educadoras, o responsável pelo serviço educativo, o orientador do estágio em animação

cultural e pela autora, n papel de medidora. Em conjunto, desenvolviam-se novas formas de trabalho, conferia-se mais sentido aos conhecimentos que se possuía, preparavam-se suportes específicos necessários para as acções centradas mais numa ou noutra área de expressão.

Foram imaginadas formas diferentes de exploração nas frequentes saídas ao Mosteiro que foram sendo introduzidas nas salas de aula: objectos, documentos, instrumentos e até aida de pessoas exteriores à escola como o caso de especialistas em apicultura para dar resposta às perguntas sobre as abelhas. Estes suportes pedagógicos serviam para otimizar cada saída dos grupos para a Cerca bem como o desenvolvimento dos temas a todos os níveis. Havia um enriquecimento das salas de aula com a instalação de material recolhido e com produções feitas pelos alunos: colmeias, maquetas da Cerca, jogos ,caleidoscópios. Toda esta série de elementos que se acumularam nas salas tornaram-se num universo de informação produzida e ao mesmo tempo foram também objectos de exposição que foram transportados para o museu e divulgados à comunidade durante a semana aberta em que aconteceram peças de teatro feito criadas e representadas por algumas turmas do 1º CEB do Carrascal.

Embora os dois grupos de profissionais nunca se tivessem demitido do seu estatuto social, é facto que aconteceram influências recíprocas de uns sobre os outros, com as características de ambos tornarem-se mais visíveis no decurso das suas interacções. Os membros dos dois grupos profissionais embora tivessem condutas e atitudes diferentes face ao que queriam para a criança, foi notória a existência do sentimento de construção de um território comum como algo novo, que regulava e apoiava o estabelecimento de atitudes positivas de uns elementos, relativamente a outros. Teve um peso determinante o cumprimento dos acordos e compromissos de trabalho autónomo, para o aumento de respostas positivas e para o aumento da tolerância.

Outras formas de mediação

É pela análise das formas de agir e dos sentimentos dos actores que podemos entender como se articulam os diversos elementos que compõem a mediação cultural levada a cabo neste projecto.

Há novos valores que aparecem. As relações de confiança não são espontâneas nem de reciprocidade, nos primeiros momentos. Para viver estes valores diferentes é preciso ter uma participação nas matrizes. Este é o desafio do mediador. Conciliar estas matrizes no melhor sistema possível, preparatório do conjunto de acções que irão ser construídas colectivamente. Assim, foram identificadas algumas formas de mediação a partir de situações que determinaram as condições de trabalho. Elaborámos as seguintes categorias:

Descentração

Descentrando cada profissional envolvido, por re-centrar a atenção na criança e no que cada profissional pretende dela enquanto aluno na escola e enquanto público no museu.

Desenvolver o conhecimento mútuo e a integração

Definindo conjuntamente o tipo de actividades possíveis a calendarizar: os níveis de interacção, intensidade e qualidade da participação de cada parceiro.

Estabelecer vínculos

Suscitando compromissos de actuação autónoma no sentido da progressão do projecto no tempo acordado.

Criação de novos formatos de encontro

Encontrando novos contextos para o desenvolvimento de novas competências e para a construção de novas relações. Criaram-se outros formatos para encontros que não eram os espaços formais de reunião da escola nem do museu, de modo a que os participantes sentiram que "(...)as ideias deixavam de ser limitadas por nos encontrarmos por exemplo, num banco de jardim ou na sala da Universidade.(...)".

Meta-linguagem profissional

Apoiando o que cada profissional dizia para que o outro o percebesse melhor, na sua própria linguagem ou para além dos seus termos normais de referência "(...) quer dizer, usar a lupa binocular para que eles vejam ao pormenor o padrão do escravelho(...)"

Registando ideias escritas, nomes e fazendo desenhos em momentos de preparação em visitas, para reforço de memória em reuniões e para o encontro de possíveis ligações e articulações entre as ideias de cada elemento.

Criar espaços de criação colectiva

Observando e identificando em conjunto, os mesmos espaços para possíveis acções, nomeando objectos ou elementos pertinentes e suas possíveis formas de utilização.ex: visita às salas do museu, pesquisa conjunta de objectos relacionados com o tema e obtenção de concordância na sua forma de utilização. Ex:"(...)sim podíamos usar a harpa só fazendo de conta que lhe tocam, sem tocar mesmo(...)"

Transmissão de mensagens

Reduzindo o risco de encontro frente a frente entre alguns elementos servindo como intermediário para mensagens e reacções,na compreensão das questões que foram surgindo por forma a minimizar conflitos ou mal-entendidos.

Focar a atenção

Em situações partilhadas, focando a atenção em determinadas necessidades ou oportunidades de aprendizagem que surjissem de modo a que cada profissional revisse os seus recursos e utilizações originais desses recursos, presentes na nova situação pedagógica.Ex:"(...)a queda da árvore com o

vento, no jardim dos Bíscaínhos serve para fazer um momento de investigação comparativa entre aquele metro quadrado de terreno e outro(...).
“

Perguntar e insistir na resposta

Permitindo a todos os profissionais mostrarem as suas formas características de actuar, pensar e compreender, e, assim entenderem melhor as formas de pensar e actuar do seu potencial parceiro. Ex: “(...)o que tu vês como estranho, a criança pode não achar estranho(...)”.

Proporcionar confiança

Criando através do conhecimento de ambos os campos, a sensação de que se apoiarem mutuamente, Ex: (...)Exposição de modelos por performance e prática assistida com os estagiários de animação sócio cultural, fazendo uma improvisação para os professores e alunos.

Explorar novos territórios de pensamento, discurso e acção

Planificando sessões de Tempestade de Ideias (TI) com um ou mais parceiros para ouvir ideias e interesses.

Fazendo listas e imaginando as direcções possíveis que os temas poderiam tomar, deixando ao critério dos actores a opção por determinada actividade ou forma de exploração do objecto.

Salientar diferenças enriquecedoras

Atendendo às diferentes perspectivas das questões e afirmando o sentido positivo das diferenças, respondendo com sensibilidade. Ex: “(...) essa perspectiva pode levar-nos a usar as lanternas em lugar de projectores(...)”.

Discussão final

A abertura, o diálogo e a utilização de uma meta linguagem profissional foram instrumentos privilegiados do processo de mediação cultural, em Tibães e Bíscaínhos. A pedagogia de trabalho de projecto que todas as professoras conheciam, foi uma das formas escolhidas de trabalho e revelou-se como muito eficaz no sentido da gestão da informação que era trazida para a escola nos dias das visitas, e de permitir uma continuidade sustentada dessa informação, quer dentro da sala, quer no museu.

A predisposição para a partilha de conhecimentos e de aptidões fez com que houvesse um enriquecimento mútuo. As professoras verbalizaram que tinham agora ideias que não tinham à partida sobre os meios que o museu tem para a educação da criança e para a aprendizagem do curriculum e que esses meios não são do mesmo tipo que os da escola. Ao nível dos alunos, pelas visitas continuadas, alterou-se o seu comportamento sobretudo ao nível da socialização e do à-vontade em relação aos espaços arquitectónicos. No caso do Mosteiro foram perdendo, gradualmente, os medos de andar na Cerca e relacionavam-se melhor com os monitores do museu. No caso do Museu dos Bíscaínhos manifestavam grande entusiasmo nos momentos passados no museu o que promoveu o carácter comunicacional e expressivo das

actividades, analisadas através dos binómios contacto-conhecimento e expressão- comunicação.

A construção das parcerias culturais de educação podem assim instituir-se com o apoio de formas de mediação como as citadas. Nestes dois casos, promoveram de alguma forma, diferenças na cultura museal e na cultura escolar, influenciando-se de forma recíproca, no sentido da mudança de práticas quer na escolas quer nos museus participantes. Foram postos em relação, processos não formais de transmissão e de aprendizagem dos saberes com uma base lúdico-artística, que se desenvolveram entre alunos, professores e profissionais dos museus, modificando a relação dos actores escolares com a cultura real da escola e promovendo a inovação pedagógica.

Referências

Buffet, F. (1999). O museu e a escola :Parceiros de projectos educativos para uma problemática da co-educação cultural. In P.J.Fontes, (Coord.). *O museu, a escola e a comunidade: Encontros workshops Outubro e Dezembro 1997*. Nº 2 da série cadernos encontro. (pp.7-26)
Braga: ESC/IEC/Universidade do Minho.

Esteves, A J.(Org.) (1986).Investigação-acção. In A: Sousa Silva & Madureira Pinto (Orgs).
Metodologia das ciências sociais. (Cap.X) Porto: Afrontamento.

Fontes, P.J. (Org.) (1997). O museu,a escola ea comunidade: Encontro workshop Abril 1997-intervenções.Nº1 da série cadernos encontro. Braga: CESC/iec/Universidade do Minho.

Fontes, P.J. (Coord.) (1999). O museu, a escola e a comunidade: Encontros workshops Outubro e dezembro 1997. Nº2 da série cadernos encontro. Braga:ESC/IEC/Universidade do Minho.

Prado Diez, David de (1996). Técnicas creativas Y language total. Santiago de Compostela: Col. Master: Monografias de Creatividad Aplicada.